

Facebook como espaço de mobilização social por demandas e a reação das instituições: o caso “Ocupação da Reitoria/Unisinos”¹

Pablo FURLANETTO²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

Resumo

Este artigo tem por intenção analisar o papel do Facebook, como espaço de mobilização, na ocupação da Reitoria da Unisinos pelo movimento estudantil *Somos Infinitas Mensalidades*, no período de 28 de novembro a 20 de dezembro de 2013, totalizando 21 dias. Com base nos conceitos de Louis Quéré (sobre acontecimento), Manuel Castells (a respeito dos movimentos sociais na era da internet) entre outros autores, pretende-se entender o novo modo de mobilização dos grupos que têm algo a reivindicar e como, no caso que envolveu a Unisinos, o coletivo de estudantes conseguiu chamar a atenção e alcançar os seus objetivos, alterando a rotina da universidade.

Palavras-chave: movimentos sociais; acontecimento; rede social da internet; Somos Infinitas Mensalidades; Unisinos.

1. Introdução

Os últimos anos marcaram o início de uma era da tecnologia. Para Toret (2013), a prova disso é a evolução da internet, da web, do software livre, dos telefones celulares, das redes sociais digitais, dos smartphones e dos tablets. “Essas mudanças geraram efeitos mais fortes do que a era da imprensa ou da televisão ao mesmo tempo. A revolução microeletrônica que molda nossa sociedade tem acelerado o ritmo das transformações históricas” (TORET, 2013, p. 43).

Nosso objeto de análise neste artigo, o Facebook, elucidava o pensamento de Toret. Na visão de Recuero (2012), os sites de redes sociais formam hoje espaços de vínculos sociais abundantes. Tais espaços de conversação têm o poder de mobilizar pessoas que lutam por uma mesma causa e fazer com que esses grupos consigam realizar coisas que, até pouco tempo, eram inimagináveis, devido à configuração dos históricos movimentos sociais. “As características dos sites de rede social, nesse contexto, acabam gerando uma nova ‘forma’

1 Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Cultura Digital e Redes Sociais.

2 Pós-graduando do curso de Especialização em Cultura Digital e Redes Sociais da Unisinos, e-mail: pablofurlanetto@gmail.com.

conversacional, mais pública, mais coletiva, que chamaremos de conversação em rede” (RECUERO, 2012: p. 17). Essa conversação converte-se naquilo que Castells (2013) chama de redes de indignação e esperança:

Nos Estados Unidos, o movimento Occupy Wall Street, tão espontâneo quanto os outros e igualmente conectado em redes no ciberespaço e no espaço urbano, tornou-se o evento do ano e afetou a maior parte do país, a ponto de a revista *Time* atribuir ao “Manifestante” o título de personalidade do ano. (...) Em 15 de outubro de 2011, uma rede global de movimentos Occupy, sob a bandeira “Unidos pela Mudança Global”, mobilizou centenas de milhares de pessoas em 951 cidades de 82 países, reivindicando justiça social e democracia verdadeira. Em todos os casos, os movimentos ignoraram partidos políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal, sustentando-se na internet e em assembleias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões. (CASTELLS, 2013, p. 11-12)

Os acontecimentos citados por Castells serviram como base para analisarmos o movimento *Somos Infinitas Mensalidades*, coletivo formado por estudantes que, no final de 2013, mobilizou-se pelo Facebook para contestar o reajuste de 7,95% da mensalidade proposto pela Unisinos, ocupando a Reitoria da universidade por 21 dias.

Para entender que papel teve o Facebook no acontecimento “Ocupação da Reitoria”, no fluxo que compreende mobilização dos estudantes x reação da universidade, conversamos com pessoas ligadas à Comunicação da instituição de ensino para entender o seu posicionamento durante o evento, analisamos a clipagem do que foi veiculado na imprensa sobre o ocorrido e, principalmente, observamos como se comportou o movimento na sua rede social da internet durante todo o período em que os estudantes estiveram no espaço da universidade, com a análise do conteúdo publicado. Compactuamos do pensamento de Castells (2013) de que as redes sociais são cruciais “para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir” os rumos de um movimento social.

2. A nova forma de organização dos movimentos sociais com a internet

O ano de 1765 é um marco na história. A máquina a vapor, criada por James Watt, iniciou mudanças que refletem na sociedade até hoje. Muito mais que possibilitar a instalação de fábricas nas cidades – e não mais à beira de rios ou riachos –, os engenhos trouxeram a mão de obra aos grandes centros europeus. E isso, além da Revolução

Industrial, tornou possível a concentração das massas e, conseqüentemente, o início dos movimentos sociais.

Para Manuel Castells (2013, p. 21), os movimentos sociais têm suas raízes na injustiça fundamental de todas as sociedades, que são confrontadas pelas aspirações humanas de justiça. Eles são a fonte de mudança da própria constituição da sociedade. E, na sua essência, são compostos por indivíduos. Seja lá na sua origem em meados de 1765, no entusiasmo de Karl Marx com o potencial de transformação que a multidão reunida em marcha possuía ou na atualidade, são as pessoas que dão vida aos movimentos sociais.

Entretanto, o que se vê nos últimos 30 anos é uma mudança na organização desses movimentos. Como explicam Fábio Malini e Henrique Antoun (2013) no livro “@internet e #rua”, 1984 é um marco, pois é o ano da invenção do ciberespaço. “É o instante de organização de inúmeros grupos ativistas que fundam a noção de ciberespaço – esse território virtual de trocas, ação coletiva e produção comum de linguagens nomeado assim no seminal *Neuromancer*, romance de Willian Gibson, também datado de 1984, uma obra que se torna metáfora perfeita dessa subjetivação informacional trazida pelo povoamento da Internet através dos grupos de discussão” (MALINI, AUTOUN, 2013, p. 19).

Com isso, para Ronfeldt e Arquilla (2001), “as redes parecem ser as próximas formas dominantes de organização (...) a chegar ao seu próprio modo de redefinir as sociedades e assim fazendo a natureza do conflito e da cooperação” (apud MALINI E ANTOUN, 2013, p. 65).

Diferentemente dos movimentos sociais mais rigorosos, orientados pelo marxismo tradicional (como a Marcha Nacional pela Reforma Agrária e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST), os Movimentos Sociais na Era da Internet, como denomina Castells (2013), encontram na internet as condições necessárias para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem uma liderança específica sobreviver e crescer, atingindo outros indivíduos. Dentro desse contexto, as redes sociais atuam como “ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir” (CASTELLS, 2013, p. 167).

A nova forma de mobilização faz com que o engajamento para poder acessar o espaço público, com a reivindicação de causas específicas, seja feito por meio de uma comunicação autônoma, que independe daqueles que detém o poder dos meios de comunicação tradicionais. Desde o seu início, os movimentos sociais dependem de

mecanismos de comunicação (sejam eles boatos, sermões, panfletos). Porém, Castells (2013) destaca que as redes digitais, multimodais, de comunicação horizontal, são os veículos mais rápidos, autônomos, interativos, reprogramáveis e amplificadores da história. Hoje, as redes de comunicação são fontes cruciais para a construção do poder.

O Facebook, por exemplo, tem a força de conectar milhares de pessoas que nunca antes conversaram pessoalmente, mas partilham dos mesmos ideais, num ambiente de mobilização. Nesse espaço, causas são postas em debate, como no conceito de esfera pública proposto pelo filósofo alemão Jürgen Habermas, e combinações são feitas, para que a tomada do espaço público seja concretizada. “Nesse sentido, defendo que as redes sociais na internet são mais do que espaços de sociabilidade: são lugares profícuos para a eclosão de acontecimentos” (HENN, 2013, p. 9).

3. Do DCE Unisinos como movimento social aos desdobramentos dos movimentos em rede: *Somos Infinitas Mensalidades*

Não poderia ser diferente. Como os demais movimentos sociais históricos, lutadores de seus direitos, as mobilizações por parte dos estudantes sempre, de alguma forma, pautaram a vida das instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas. Data da década de 1930 a criação do primeiro Diretório Central dos Estudantes (DCE) do Brasil, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Quanto ao sentido de DCE, em um significado encontrado no Wikipédia³, ele é definido como “uma entidade estudantil que representa todos os estudantes (corpo discente) de uma instituição de ensino superior, sejam elas universidades, faculdades ou centros universitários. Tem o papel de organizar suas lutas”. A eleição de seus membros é definida pelo Movimento Estudantil de cada instituição e o diretório atua na defesa dos interesses dos estudantes.

Esse papel do diretório integra de um contexto histórico do homem. Manuel Castells acredita que as relações de poder fazem parte da sociedade, de maneira que os que o possuem constroem as instituições com base nos seus próprios valores e interesses.

Entretanto, uma vez que as sociedades são contraditórias e conflitivas, onde há poder há também contrapoder, que considero a capacidade de os atores sociais desafiarem o poder embutido nas instituições da sociedade

³ Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Diret%C3%B3rio_Central_dos_Estudantes. Acessado em 18 de junho de 2014.

com o objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses. (...) A verdadeira configuração do Estado e de outras instituições que regulam a vida das pessoas depende dessa constante interação de poder e contrapoder. (CASTELLS, 2013, p. 13)

Um DCE, para expandir a sua gama de atuação, geralmente possui relação com entidades representativas – como a União Nacional dos Estudantes (UNE), União Estadual dos Estudantes (UEEs) e a Coordenação Nacional de Luta dos Estudantes (Conlute) –, além de outras entidades estudantis. Não seria diferente com o DCE Unisinos.

Influenciado na sua forma de atuar pelas redes da internet, o Diretório Central dos Estudantes da Universidade do Vale do Rio dos Sinos também mudou a sua maneira de atuar junto aos estudantes, com um perfil no Facebook⁴, por exemplo, para se comunicar com o público. E foi pela rede social da internet que o DCE passou a se relacionar com outro movimento estudantil há quase três anos: o *Somos Infinitas Mensalidades*.

Foco da análise do nosso artigo, o coletivo⁵ de estudantes (como se denomina) surgiu em dezembro de 2011 em meio ao reajuste de mensalidade da Unisinos, que culminaria em 17,45% em 12 meses. Em sua rede social na internet⁶, o coletivo diz que realizou “diversas reuniões durante as férias, e na medida em que estreitamos as nossas relações e aprofundamos o debate, começamos a lutar por outras pautas. Começamos a lutar por um outro projeto de universidade”. O seu princípio é a “mais ampla democracia interna”, com as decisões acontecendo em reuniões abertas e assembleias. O movimento pede a união de todos (estudantes, professores e funcionários) para pressionar a Reitoria da instituição a colocá-los como prioridade. Na última consulta ao seu perfil no Facebook, no dia 18 de julho de 2014, o coletivo possuía 3.807 curtidas.

Para Malini e Antoun, no modelo 2.0 o usuário não tem “home”, mas “timeline”, e de usuário passa a ser perfil.

A time-line funciona como um mural de notícias, cuja atualização vai sendo feita, ao mesmo tempo, pelo dono ou por qualquer outro perfil que ele decida incorporar nela; seja como amigo, seguidor ou membro do seu “círculo”. Essa incorporação se faz de modo automático pela atribuição do status. Deste modo, toda vez que esse “amigo” publica alguma mensagem, esta é automaticamente incorporada ao mural alheio por ordem de atualidade. Neste ambiente de colaboração há uma permanente oscilação de um perfil entre a posição de público e autor, gerando um equilíbrio

⁴ Disponível em <https://www.facebook.com/DceUnisinosSomosTodosDce>. Acessado em 19 de julho de 2014.

⁵ Esta denominação é típica dos movimentos sociais contemporâneos, e quer passar a ideia de ser colaborativo.

⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/MovimentoSomosInfinitasMensalidades>. Acessado em 18 de julho de 2014.

meta-estável entre o próprio e o alheio. Nessa ecologia participativa, o público se transmuta em parceiro e amigo. (MALINI e ANTOUN, 2013, p. 213)

Castells (2013, p. 18-19) explica que o contra poder exercido pelos movimentos sociais ocorre com um processo de comunicação autônoma, livre do controle daqueles que têm o poder institucional. Para ele, “na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida”. É um canal de comunicação eficaz, no caso o Facebook.

Ainda com Castells (2013, p. 25), o autor fala que uma das condições para que “as experiências individuais se encadeiem e formem um movimento é a existência de um processo de comunicação que propague os eventos e as emoções a eles associadas”. E quanto mais rápido e interativo ele for, maior será a formação do processo de ação coletiva.

É o que ocorre no Facebook do movimento *Somos Infinitas Mensalidades*. Com a divulgação de notícias que interessam ao público seguidor do perfil e as formas de interação que a rede social possibilita, a comunicação dentro do grupo é rápida e interativa, onde todos têm voz e há a ausência de uma liderança específica.

Javier Toret (2013) estuda o sistema de rede do movimento 15M, surgido na Espanha após uma passeata que aconteceu no dia 15 de maio de 2011 em todo o país, com objeto de reagir contra as políticas implementadas pelo governo para combater a crise econômica. Na publicação, Toret realiza diversos questionários com alguns entrevistados. Em um, que pontuava de 1 a 5 o grau de importância, sendo que 5 é a pontuação máxima, foi perguntado qual a influência que têm os sites de redes sociais em determinadas situações. Numa das questões, sobre a percepção de que existem mais pessoas que pensam como você na rede, a pontuação foi de 4.06. De acordo com o estudo, 89% dos participantes nas manifestações do 15M tinham contas no Facebook, enquanto 82% admitiram ter ouvido falar de chamadas do 15M pelas redes sociais. O que mostra a sua força junto aos usuários.

4. Ocupação da Reitoria: o acontecimento que dispara sentidos

Quando o sol apareceu no campus da Unisinos em São Leopoldo/RS na manhã de 28 de novembro de 2013, ninguém imaginava que cerca de oito horas depois a rotina da instituição estaria totalmente alterada. E por um considerável período. O evento motivador

para essa “mudança de rumos” acontecer era a reunião do Conselho Universitário (Consun), órgão máximo de função normativa, deliberativa e de planejamento da universidade, marcada para as 14h. Na pauta, a votação do reajuste da mensalidade em 7,95%.

Dias antes à votação, o movimento *Somos Infinitas Mensalidades* já alertava para o fato em postagens que ironizavam campanhas institucionais da universidade, sempre dando ênfase para o reajuste. Em 26/11, o coletivo divulgou, em seu perfil no Facebook, uma convocação⁷ para que os estudantes se encontrassem no dia 28/11, às 13h, em frente ao DCE. De lá, todos iriam para o local da reunião. O grupo que organizava a manifestação utilizava na rede social da internet termos como “Educação não é mercadoria” na perspectiva de mobilizar colegas a aderirem à causa. Para o mesmo dia, à noite, estava planejado outro ato durante o período de aula, dessa vez para chamar a atenção dos estudantes, funcionários e professores.

O principal motivo para a organização da manifestação de 28/11 foram os 7,95%, mas, mais do que tal percentual, o argumento do movimento é que uma semana antes a Unisinos havia anunciado a data de votação da proposta orçamentária para 2014 e um novo reajuste das mensalidades. Segundo o grupo, a proposta foi enviada ao DCE com menos de uma semana do dia da votação e, em virtude disso, os estudantes do coletivo, em reunião, decidiram iniciar uma campanha reivindicando que fosse adiada a votação. Isso após a abertura detalhada das contas da universidade e de amplo debate sobre a proposta do reajuste, com os estudantes e suas entidades de base. De acordo com o coletivo, a representatividade dos três alunos no Consun era muito pequena, comparada ao universo de 30, número total de membros do conselho.

A mobilização do dia 28/11 em frente ao DCE pôde ser acompanhada pelos seguidores da *fan page* do coletivo. No ponto de encontro, os estudantes postavam na página fotos das faixas que confeccionaram para levar na manifestação. As frases tinham a mesma tônica, como “Aumento não passará” e “Não ao aumento – 7,5% é roubo”. Esse grupo, com aproximadamente 35 alunos, que, em breve, partiria para a reunião do Consun, não fazia ideia do que estava para acontecer. Nem a cúpula da Unisinos.

Quando chegou ao local da reunião, o grupo foi impedido de participar da votação e, numa rápida manobra, ocupou a Reitoria da universidade. No mesmo instante que isso

⁷ Disponível em <https://www.facebook.com/events/493204187461880/?ref=22>. Acessado em 18 de julho de 2014.

ocorreu, na página do coletivo no Facebook foi publicado um aviso⁸ que falava do ocorrido e convocava mais apoiadores para irem até o local. Uma das primeiras publicações da ocupação, à noite, de um aluno com o rosto coberto segurando um sinalizador em frente à Reitoria⁹, e com uma faixa logo abaixo dele com os dizeres “Reitoria Ocupada”, teve mais de 100 curtidas e 46 compartilhamentos.

E a história estava apenas começando. Ninguém imaginava que a ocupação, no fim, duraria 21 dias: de 28 de novembro a 20 de dezembro de 2013. Era o acontecimento disparando sentidos (HENN, 2010). Para Quéré (2005), para ocorrer, o acontecimento precisa “acontecer a alguém”, “afetar a alguém”.

Acontecimento e sujeito surgem, assim, em conjunto, ligados inextricavelmente: a singularidade do acontecimento e a ipseidade daqueles que o sentem são tecidas em conjunto, até porque é através da sua apropriação por indivíduos ou por coletivos que o acontecimento adquire a sua identidade e a sua significação próprias. (QUÉRÉ, 2005, p. 70)

Adriano Duarte Rodrigues (1993) diz que é acontecimento “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais”, (1993, p. 27). Recuero (2014) complementa que o acontecimento possui certa autonomia e “que cria as condições para sua compreensão e contém um caráter revelador ao alterar tanto as possibilidades de leitura do passado (daquilo que o causou) como do futuro (à medida que ele inaugura campos de possíveis concebíveis)”, (2014, p. 5-6).

A ocupação da Reitoria por parte dos estudantes pode não ter sido programada com antecedência. Entretanto, tal ação está fundamentada em outros episódios da história, ou melhor, em uma tática que até hoje, independente do tipo de manifestação, recursos ou época, é utilizada: a ocupação de espaços. Para Castells, esses espaços desempenham papel importante na história da mudança social, por três motivos:

1. Eles criam uma comunidade, e a comunidade se baseia na proximidade. A proximidade é um mecanismo psicológico fundamental para superar o

8 Disponível em https://www.facebook.com/MovimentoSomosInfinitasMensalidades/photos/pb.300630876637741.-2207520000.1405733603./688794937821331/?type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net%2Fphotos-ak-prn2%2Ft1.0-9%2F1450954_688794937821331_1950987893_n.jpg&size=720%2C607&fbid=688794937821331. Acessado em 18 de julho de 2014.

9 Disponível em <https://www.facebook.com/MovimentoSomosInfinitasMensalidades/photos/pb.300630876637741.-2207520000.1405733603./688860467814778/?type=3&theater>. Acessado em 19 de julho de 2014.

medo. (...) 2. Os espaços ocupados não carecem de significado: são geralmente carregados do poder simbólico de invadir áreas do poder de Estado ou de instituições financeiras. Ou então, reportando-se à história, evocam memórias de levantes populares que expressaram a vontade dos cidadãos quando outras vias de representação foram fechadas. (...) 3. Construindo uma comunidade livre num espaço simbólico, os movimentos sociais criam um espaço público, um espaço de deliberação que, em última instância, se torna um espaço político, para que assembleias soberanas se realizem e recuperem seus direitos de representação, apropriados por instituições políticas ajustadas às conveniências dos interesses e valores dominantes. (CASTELLS, 2013, p. 19-20)

Com a ocupação da Reitoria, os três pontos levantados por Castells se confirmaram. Como exemplo, várias assembleias eram realizadas no período em que o grupo esteve em “posse” do espaço, para decidir se a ocupação prosseguia e quais os próximos passos que seriam dados. Essas medidas adotadas corroboram com o pensamento de Quéré (2005, p. 68) de que o acontecimento é um fenômeno hermenêutico (de interpretação), pois “pode ser palco de encontro, interação, confrontação, determinação, recíproca”.

Em todas as assembleias, os estudantes que curtiam a página do movimento no Facebook eram convidados a participar. Foram criados eventos e em cada um explicavam-se os pontos que seriam discutidos no encontro. Inclusive, o reitor da Unisinos, Marcelo Fernandes de Aquino, foi chamado diversas vezes pelo grupo para comparecer às assembleias e apresentar respostas acerca das reivindicações do coletivo, com o argumento de que os estudantes estavam dispostos a desocupar o local se isso ocorresse.

Segundo o *Somos Infinitas Mensalidades*, os três pontos principais que a ocupação queria discutir eram: debate ampliado acerca dos sucessivos aumentos das mensalidades e, particularmente, o reajuste de 7,95% aprovado para 2014; abertura detalhada das contas da universidade e publicização acessível e em uma linguagem compreensível a todos; e paridade no Consun, ou seja, que todos os segmentos tivessem igual representatividade. Em todo o tipo de publicação, seja nota oficial para a universidade ou um simples relato, o coletivo utilizava as *hashtags* #OcupaReitoria, #vemjunto e #cadêoreitor para caracterizar a discussão.

Em resumo, para que as redes de contrapoder prevaleçam sobre as redes de poder embutidas na organização da sociedade, elas têm de reprogramar a organização política, a economia, a cultura ou qualquer dimensão que pretendam mudar, introduzindo nos programas das instituições, assim como em suas próprias vidas, outras instruções, incluindo, em algumas

versões utópicas, a regra de não criar regras sobre coisa alguma. (CASTELLS, 2013, p. 27)

Tudo o que aconteceu nos 21 dias de ocupação da Reitoria trouxe à tona as reivindicações motivadoras para o início do movimento *Somos Infinitas Mensalidades*, em dezembro de 2011, quando a universidade promoveu o reajuste da mensalidade de 17,45% no ano. É o que Quéré diz sobre a capacidade que o acontecimento tem de tornar “compreensível o seu passado e o seu contexto, em função do sentido novo cujo surgimento ele provocou”. Ele torna pública “qualquer coisa do seu próprio contexto que, sem ele, permaneceria dissimulado” (ROMANO, 1999, p.176, apud QUÉRÉ, 2005, p. 62). A discussão em torno do reajuste de 7,95% na mensalidade estava aberta.

5. Os sentidos que circularam: repercussão na imprensa/público

A utilização da rede social da internet para dar voz à causa teve êxito. Nos 21 dias em que ocupou a Reitoria da Unisinos o movimento *Somos Infinitas Mensalidades* usou o seu perfil criado no Facebook para divulgar, aos seguidores, tudo o que ocorria e era decidido entre o grupo que estava no local. O coletivo pedia que as mídias independentes, entidades sociais, estudantis, sindicais e os indivíduos que acompanhavam e se solidarizavam com a ocupação ficassem atentos aos próximos passos e dessem difusão ao evento. O que surtiu efeito.

Postagens como, por exemplo, a da arte com a foto do reitor¹⁰ sendo procurado e divulgando a recompensa, para quem o achasse, de 7,95%, tinham muitas curtidas e compartilhamentos.

Diferentes entidades e personalidades (como o Bloco de Luta pelo Transporte Público; Grupo de Trabalho Universidade Popular; Articulação Nacional dos Estudantes de Ciências Sociais; DCEs da PUCRS, UFRGS e da carioca Universidade Veiga de Almeida; Sindicato dos Trabalhadores Federais da Saúde, Trabalho e Previdência do RS; até o conhecido cartunista e ativista político brasileiro Carlos Henrique Latuff de Sousa – que foi

¹⁰ Disponível em https://www.facebook.com/MovimentoSomosInfinitasMensalidades/photos/pb.300630876637741._2207520000.1405733536./691286227572202/?type=3&src=https%3A%2F%2Fscontent-b-mia.xx.fbcdn.net%2Fphotos-xpf1%2Ft1.0-9%2F1465365_691286227572202_1144597845_n.jpg&size=640%2C480&fbid=691286227572202. Acessado em 18 de julho de 2014.

até a ocupação¹¹, fez ilustrações e gravou vídeo em apoio à causa) se revelaram ao lado do movimento, na sua maioria com a divulgação de notas oficiais em seus perfis no Facebook.

Na prática, outros eventos revelaram como as ações promovidas pelo *Somos Infinitas Mensalidades* tinham a adesão de outros grupos. Na madrugada de 10/12/2013, por exemplo, os estudantes que ocupavam a Reitoria promoveram um foguetório¹² em frente à casa dos padres jesuítas, que fica perto da Unisinos. O ato contou com o apoio da Unidade Vermelha RS. Já na madrugada de 11/12/2013, um grupo, que não quis se identificar, queimou pneus em frente à universidade.

Na medida em que o acontecimento é “o que mantém vivos os movimentos sociais como agentes presentes na esfera pública” (OLIVEIRA, 2011, p. 10), a imprensa tradicional não poderia deixar de dar voz à ocupação, o que a tornou conhecida nacionalmente. É o que diz Mendonça (2007) sobre o tratamento da mídia, “entendendo o acontecimento como aquilo que é digno de conhecimento, e debruçando-se sobre os modos de tratamento discursivo que possibilitam a circulação dele sob a forma da informação”.

A ocupação da Reitoria possuía todos os ingredientes que um fato precisa para se tornar jornalístico. Na visão de Benetti (2010, p. 145), a narrativa do acontecimento por parte do Jornalismo possui algumas técnicas já convencionadas, que seguem uma lógica: “O que ocorre é que os índices de notabilidade capazes de chamar a atenção dos sujeitos que escrevem a história – que a percebem e a transformam em narrativa – são, no jornalismo, guiados por critérios que exigem ruptura, repentina ascensão, acidente ou desvio”. No caso, essa ruptura foi a ocupação da Reitoria.

Conforme já dissemos anteriormente, talvez o coletivo que tomou posse da Reitoria não fez isso intencionalmente, como alguma coisa que já estivesse prevista para ocorrer. Porém, após a ocupação é difícil de imaginar que o grupo de estudantes não tivesse ciência da importância do Jornalismo na produção de conhecimento para a sociedade e o modo que ele interfere nas interações estabelecidas na esfera pública.

Na perspectiva de Peirce (1977), Oliveira (2011, p. 2) entende o acontecimento jornalístico como objeto do que se convencionou chamar de signo/notícia. Na condição de

¹¹ Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?v=693813850652773&set=vb.300630876637741&type=2&theater>. Acessado em 18 de julho de 2014.

¹² Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?v=694524763915015&set=vb.300630876637741&type=2&theater>. Acessado em 18 de julho de 2014.

objeto semiótico, sua representação é submetida aos legisignos – signos que tem natureza de uma lei. Para Henn (2010), o acontecimento jornalístico segue códigos rigorosos.

O acontecimento jornalisticamente constituído trafega por estas dimensões: tem uma conexão indicial com o objeto que atua fora do signo, apresenta forte expressividade de apelo icônico, mas está fortemente amarrado a convenções histórica e culturalmente instituídas. (HENN, 2010)

Oliveira (2011, p. 6) explica que quando “o acontecimento jornalístico é representado na notícia, constitui-se em um signo que ocupa o lugar de um objeto”. O que faz com que a construção de uma notícia seja entendida como processo de semiose. “A semiose é a ação do signo, a própria essência do ato de comunicação. Não poderia, assim, deixar de estar presente no jornalismo” (OLIVEIRA, 2011, p. 6). Como sugere Peirce (2002) um signo é qualquer coisa que representa alguma coisa – seu objeto – para qualquer mente que possa interpretá-lo assim. É nesse sentido que o acontecimento funciona como objeto semiótico para as narrativas que o jornalismo produz.

O fato “Ocupação da Reitoria” chamou a atenção dos veículos de comunicação. Nos 21 dias em que os estudantes estiveram no espaço, 152 menções circularam na imprensa, entre televisão, rádio, impresso e internet (esta predominando, com mais de 72 menções). E isso não se restringiu apenas aos veículos do Rio Grande do Sul. Em outros estados (como Santa Catarina, Paraná, Distrito Federal, São Paulo, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo) a ação do *Somos Infinitas Mensalidades* ficou conhecida.

O fato com maior repercussão foi o confronto ocorrido no dia 12/12/2013 entre estudantes e o Pelotão de Operações Especiais da Brigada Militar (POE), durante manifestação do movimento, chamada no Facebook de “Grande Ato dos Estudantes da Unisinos”. O grupo saiu às 18h, do portão principal da universidade, e seguiria, pela Avenida Unisinos, até a estação de trem próxima à instituição. Entretanto, o choque com os policiais impediu a continuidade do evento, que foi divulgado em veículos conhecidos nacionalmente, como Estadão¹³ e Folha de São Paulo¹⁴.

¹³ Disponível em <http://www.cwaclipping.net/sistema/newsletter/visualizar/materia.php?security=6cdd53250ef9.936730.2592869>. em
Acessado em 18 de julho de 2014.

¹⁴ Disponível em <http://www.cwaclipping.net/sistema/newsletter/visualizar/materia.php?security=b81e076e934d.936730.2594001>. em
Acessado em 18 de julho de 2014.

Henn (2010) explica que é pelo Jornalismo que o acontecimento (na condição de signo) toma forma. Independente do modo que os media se utilizaram para apurar e divulgar os fatos, a amplitude que a ocupação da Reitoria, e seus eventos paralelos, alcançou foi muito grande. Assim, nas palavras de Quéré (2005), o acontecimento não pode “ser enclausurado no momento e nas circunstâncias da sua ocorrência: transborda-os, espacial e temporalmente. Especialmente, porque os seus efeitos podem estender-se a lugares muito distantes daquele em que ocorreu” (p. 69).

6. O outro lado da moeda: Unisinos durante a ocupação

Porque o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer que é suportado por alguém. Feliz ou infelizmente. Quer dizer que ele afecta alguém, de uma maneira ou de outra, e que suscita reações e respostas mais ou menos apropriadas. (QUÉRÉ, 2005, p. 61)

A visão de Quéré sobre como um acontecimento afeta alguém pode ser aplicada na análise “ocupação x Unisinos”. Durante os 21 dias em que os estudantes permaneceram na Reitoria a instituição precisou tomar medidas para atender aos questionamentos do coletivo. Coisa que não aconteceria caso o evento daquele período não ocorresse.

Para termos mais subsídios à nossa análise, entrevistamos duas colaboradoras da universidade: a coordenadora de Comunicação Institucional e a coordenadora do Núcleo Digital. Ambas profissionais, que terão seus nomes preservados neste artigo, trabalharam diretamente junto ao Comitê de Gestão de Crise (formado por Reitoria e diretores, professores e outros colaboradores de áreas que se relacionam diretamente com alunos), que foi criado para lidar com a ocupação, e atuaram na linha de frente das ações.

“Prevíamos algum tipo de manifestação em decorrência do aumento das mensalidades e achamos que teria algum movimento dos estudantes quanto a isso. Eles sabem das datas em que ocorrem as alterações de valores e também do processo de aprovação dos índices, em reuniões de Conselho, do qual eles fazem parte”, relatou a coordenadora do Núcleo Digital sobre os dias que antecederam a manifestação. Como mostra de que a Unisinos sabia e previa um clima contrário, no dia 28/11/13, data da

ocupação, a instituição divulgou, em matéria que explicava os motivos do reajuste¹⁵, o *Escuta Unisinos*¹⁶, canal no Facebook que promovia a participação e diálogo entre Reitoria e alunos, com o objetivo de ouvir a comunidade acadêmica para que as demandas mais urgentes e consideradas mais importantes, na visão dos estudantes, fossem atendidas ao longo do novo mandato do reitor, Marcelo Fernandes de Aquino.

Durante o tempo em que o movimento permaneceu na Reitoria, a postura da universidade foi de responder aos questionamentos dos discentes, basicamente, por meio de notas oficiais. Pelo seu portal de notícias (na época o J.U Online¹⁷), a instituição noticiou e se posicionou sobre a ocupação sempre com o conteúdo sendo replicado no Facebook institucional¹⁸. Seja em matérias que relatavam o momento da ocupação¹⁹, ou respostas sobre as questões reivindicadas pelo coletivo²⁰ ou sobre a violência imprimida pela polícia aos manifestantes no protesto de 12/12/13²¹.

De acordo com a coordenadora de Comunicação da instituição, essa maneira de se posicionar foi escolhida pois o movimento também, segundo ela, usou de tal artifício. “Já na reunião do Consun (sobre o reajuste, em 28/11/13), os manifestantes apresentaram uma carta e a Unisinos manteve esse mesmo meio para se comunicar.”

Durante os 21 dias de ocupação, acontecia, diariamente, às 13h30, uma reunião do Comitê Gestor de Crise. Se, porventura, algum fato novo ocorresse, essa rotina de encontros era alterada. Nas reuniões, o Comitê de Comunicação e Redes Sociais, representado pelas duas profissionais entrevistadas, aconselhava o comitê principal. “Analisávamos as principais reivindicações e se havia resposta existente rápida para que pudessemos ajudar a encaminhar o tópico de discussão”, relatou a coordenadora de Comunicação. A coordenadora do Núcleo de Conteúdo explicou que, “além disso, analisávamos a evolução do engajamento de outras pessoas em redes sociais para ter noção da repercussão externa”. Um analista de Redes Sociais realizava o monitoramento.

¹⁵ Disponível em <http://www.juonline.com.br/index.php/noticia/28.11.2013/reajuste-2014/300d>. Acessado em 18 de julho de 2014.

¹⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/EscutaUnisinos>. Acessado em 18 de julho de 2014.

¹⁷ Disponível em <http://www.juonline.com.br/>. Acessado em 18 de julho de 2014.

¹⁸ Disponível em <https://www.facebook.com/Unisinos>. Acessado em 18 de julho de 2014.

¹⁹ Disponível em <http://www.juonline.com.br/index.php/noticia/28.11.2013/manifestacao-dce/300e>. Acessado em 18 de julho de 2014.

²⁰ Disponível em <http://www.juonline.com.br/index.php/noticia/29.11.2013/palavra-da-universidade/3012>. Acessado em 18 de julho de 2014.

²¹ Disponível em <http://www.juonline.com.br/index.php/noticia/13.12.2013/nota-oficial/302d>. Acessado em 18 de julho de 2014.

O que pautava a Unisinos para a divulgação das notas oficiais, no relato da coordenadora de Comunicação, não era a rede social da internet do movimento *Somos Infinitas Mensalidades* ou a imprensa, mas o diálogo com os próprios estudantes. “Os textos eram uma construção conjunta da Coordenação de Comunicação, do Comitê de Gestão de Crises e de contribuições de diretores e pessoas ligadas aos alunos (Gerência de Atenção ao Aluno – GAA). As cartas de retorno ao movimento eram redigidas em conjunto pela Reitoria, que revisava as palavras e significados que poderiam carregar, tentando deixar a comunicação o mais claro e leve possível.”

7. Conclusão

O desfecho da ocupação da Reitoria teve início no entardecer de 17/12/2013. Naquele dia, a Gerência de Atenção ao Aluno da Unisinos apresentou à diretoria do DCE e aos integrantes do Conselho de Entidades de Base (CEB) novas propostas para atender às reivindicações do movimento²².

No parecer, quatro tópicos eram apresentados para discussão:

1. Agendamento de reunião de representantes do DCE e CEB com o pró-reitor de Administração da universidade, para prestar explicações sobre o orçamento da instituição;
2. Proposta de incremento da participação de alunos indicados pelo DCE em outras instâncias deliberativas da universidade, como as Câmaras de Graduação e de Pós-Graduação, a ser detalhada em reunião com o diretor de Serviços Acadêmicos;
3. Proposta de participação de alunos indicados pelo DCE em grupos de trabalho que viessem a ser criados para propor mudanças em regras e processos acadêmicos considerados relevantes pelo movimento, a ser agendada com os diretores da Unidade Acadêmica de Graduação e de Serviços Acadêmicos;
4. Proposta de incremento da participação dos representantes dos alunos em reuniões de colegiado de cursos e nos processos de revisão curricular, a ser detalhada em reunião com o diretor da Unidade de Graduação.

Tão logo recebeu as propostas, o movimento convocou uma assembleia pelo Facebook para definir os rumos a serem seguidos. No encontro, ficou decidida a

²² Disponível em <http://www.juonline.com.br/index.php/noticia/17.12.2013/unisinos-comunica/3031>. Acessado em 18 de julho de 2014.

desocupação da Reitoria²³ no dia 20/12/2013, com solicitação de reuniões, com os responsáveis da universidade, em cada um dos tópicos.

Como mostra concreta de que a ocupação de 21 dias da Reitoria surtiu algum efeito, em 31/1/2014 a universidade publicou matéria²⁴ em que dizia que, no mês de janeiro, a Gerência de Atenção ao Aluno promoveu três encontros para discutir formas de aumentar a participação dos alunos nos diferentes espaços de representação estudantil e apresentar o processo de construção do orçamento.

Levando em conta o nosso problema de pesquisa para compreender como a rede social da internet contribuiu para que a mobilização alcançasse resultados concretos, podemos concluir que o movimento teve êxito na sua proposta. Se analisarmos os três tópicos centrais reivindicados pelos estudantes na época (o debate sobre os sucessivos aumentos, a abertura detalhada das contas da instituição e a paridade no Consun), todos, de alguma forma, foram contemplados na resposta dada pela Unisinos. A universidade reagiu ao movimento, que teve como aliado a força pública, no caso, as redes sociais.

Castells (2013) diz que “o legado de um movimento social consiste na mudança cultural que ele tenha produzido com sua ação” (p. 29). Em sua opinião, a herança deixada pelos movimentos sociais em rede é uma nova forma de democracia, “uma antiga aspiração jamais concretizada da humanidade” (p. 30). É a possibilidade de as instituições e os que têm algo a reivindicar voltarem a conviver. Ou, nas palavras de Mendonça (2007), é “insuficiente dizer que os movimentos surgem como lutas contra situações de injustiça e desrespeito, porque, muitas vezes, é só com a constituição da coletividade que tais situações são passíveis de ser percebidas como desrespeitosas” (p. 10).

De mais um dos tantos protestos contra o reajuste, o movimento *Somos Infinitas Mensalidades* alterou a rotina de uma grande instituição de ensino e, mais, fez com que esta propusesse um diálogo que, até então, parecia improvável de ocorrer.

Referências

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

²³ Disponível em <https://www.facebook.com/MovimentoSomosInfinitasMensalidades/posts/698712680162890>. Acessado em 18 de julho de 2014.

²⁴ Disponível em <http://www.juonline.com.br/index.php/noticia/31.01.2014/pelo-dialogo/3052>. Acessado em 18 de julho de 2014.

HENN, Ronaldo. O ciberacontecimento. In: VOGEL, D., MEDITSCH, E, y SILVA, G., **Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais**. Florianópolis: Insular, 2013a P.p 21-34.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **@internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. **Movimentos sociais como acontecimentos: Linguagem e espaço público**. São Paulo: Lua Nova, 2007.

OLIVEIRA, Felipe Moura de. Acontecimento jornalístico: a reforma agrária como campo problemático e objeto semiótico. 2011. **9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.sbpjor.org.br>. Acessado em 18 de julho de 2014.

OLIVEIRA, Felipe Moura de; HENN, Ronaldo. Movimentos em rede e ocupação do espaço público: limites e possibilidades ante a crise do jornalismo. **11º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.sbpjor.org.br>. Acessado em 18 de julho de 2014.

PEIRCE, Charles Sanders. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Past Masters, CD-ROM. EUA, IntelLex Corporation, 2002.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. Lisboa: n. 6, 2005.

RECUERO, Raquel. **Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma**. São Leopoldo: *Revista Fronteiras (Online)*, Vol 16, 2014.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

TORET, Javier et al. **Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas**. El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuida. Barcelona: Internet Interdisciplinary Institute, Universitat Oberta de Catalunya (UOC), 2013.